

**ADEMIR PASCALE**  
ORGANIZADOR



VOL. II

# CONTOS E POEMAS NATALINOS



SELO

CONEXÃO LITERATURA

# **ADEMIR PASCALE**

## **ORGANIZADOR**

**Copyright © por Autores**  
**Projeto editorial por Ademir Pascale**  
**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores**  
**Obra protegida por direitos autorais**  
**Este e-book é parte integrante**  
**da Revista Conexão Literatura - ISSN: 2448-1068**  
**2021**  
**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

**CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS**

**Um continho de Natal, por Adayl Falconi Chiodi, pág. 05**  
**Jesus, o melhor presente, por Adelaide Veiga, pág. 08**  
**Cantata de Natal pelo mundo, por André Luiz Martins de Almeida, pág. 12**  
**O Natal com as cigarras, por Denise Peres Martins Rezende, pág. 14**  
**Rimas para o Natal, por Lilian Ferraz, pág. 16**  
**Um quase conto de Natal, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 19**  
**Encantos, por Pedro José Rigatto, pág. 22**  
**Pelo direito de sobreviver, por Roberto Schima, pág. 24**  
**Um dia especial, por Wanda Rop, pág. 31**  
**Gratidão logística, por Willian F. Eugênio, pág. 33**  
**Conheça outros títulos da coleção, pág. 37**

**Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale**  
**E-mail: ademirpascale@gmail.com**

**VISITE:**  
**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

**[www.instagram.com/revistaconexaoliteratura](http://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)**  
**[www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura)**





**Bendita seja a data que une a todo mundo numa conspiração de amor.**

**— Hamilton Wright Mabi**



**APRESENTAMOS O CONTO**  
**UM CONTINHO DE NATAL**

**Por Adayl Falconi Chiodi**

**Sobre a autora: Adayl Falconi Chiodi, professora aposentada, nasceu a 25/12 /41 em Ijuí (RS). Concluiu o curso Magistério em 1959. Licenciou-se em Pedagogia em 1963. Fez Pós graduação em Orientação Educacional e Metodologia da Pesquisa na UNIJUI.**

**H**oje é Natal! Estou de aniversário. O tempo passou depressa. Quando adolescente, eu pensava que uma pessoa com quarenta anos já era velha. De sessenta, nem se fala!

Às vezes, tenho a impressão que não fiz nada. Que a minha vida passou em branco. Parece que não sou eu aquela criança, aquela adolescente, aquela jovem mãe. Sinto, às vezes o vazio do não ser. Simples espectadora da minha vida.

Pois, hoje é Natal e estou triste. A casa vazia, poucas pessoas. Esse vírus nos afastou das pessoas queridas. Nesta mesma época, a casa estava cheia de gente, de arranjos, conversas, abraços e risadas! Por uma “frestinha” da minha tristeza, espiei um natal da minha infância.

A época do Natal me encantava. Sentia a sua magia até no calor do sol, no cheiro das hortênsias quando o sol batia nelas!

— Mãe, já foi natal? O Papai Noel já veio? Por quê ele não passou por aqui?

— Que menina perguntadeira! Por quê?

— É que na frente do açougue, numa casa bem bonita, com jardim e tudo, tinha um menino com uma bicicleta e duas meninas com bonecas lindas!

— Não. Ainda faltam quinze dias pro natal.

— E como eles já ganharam presentes?

— Em algumas casas, não precisa ser natal pra ganhar presente.

— E, por quê nós só ganhamos presente de natal?

— Não dá, teu pai ganha pouco.

— Tomara que eu ganhe uma boneca nova. A minha já tá sem uma perna e um braço tá caindo.

Na época de natal, eu me sentia feliz. Na noite de natal, lá na minha tia, que morava em frente à nossa casa, tinha uma árvore de verdade, bem verdinha e as crianças ajudavam a enfeitar. A família se reunia, acendiam as velinhas do pinheirinho, cantavam Noite Feliz. Todos se abraçavam e desejavam feliz natal.

Sempre vinha um Papai Noel, era algum vizinho, ou pessoa da família e distribuía os presentes singelos, mas recebidos com muita alegria.

Alguns dias antes do natal, minha irmã e eu íamos, com a mãe, lá na casa da vó, fazer bolachas. A gente adorava.

— Não comam bolacha quente, com água fria dá dor de barriga! Recomendava a vó.

Que nada! Comíamos bolacha quente e até massa crua!

Numa tarde se faziam as bolachas e, em outra tarde, elas eram enfeitadas. As claras eram batidas no garfo, passavam por muitas mãos até dar ponto de suspiro! Apesar de pequenas, nos deixavam colocar o açúcar colorido em cima das bolachas. Ficavam lindas!

Para mim, as bolachinhas pintadas eram a magia do natal.

Numa manhã, nós duas fomos na vó buscar as bolachas. Vínhamos, cada uma com uma lata de bolacha, falando nos presentes que gostaríamos de ganhar, quando minha irmã disse:

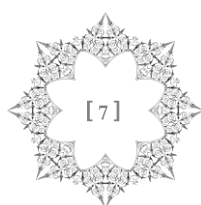
— Vamos abrir a lata e comer uma bolacha?

Me acocorei na rua e desandei num choro, tão sentido e tão alto, que até a dona Ana, costureira, veio acudir.

— O que foi que aconteceu? Se machucou? Perguntou minha irmã, já assustada.

— Não abre! Se abrir, vira natal, agora, no meio da rua, e não vai ter pinheirinho, nem Papai Noel e nem presentes!

Hoje, beirando os oitenta, já não acredito que as bolachas, tal qual Chanteclair, fazem o natal acontecer, mas acredito ainda na magia da festa, na magia do encontro, do abraço, do bem querer compartilhado. E ainda pinto bolachinhas!





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**JESUS, O MELHOR PRESENTE**

**Por Adelaide Veiga**

**Sobre a autora: Adelaide Veiga, possui curso superior na área da contabilidade, mas decidiu investir na criação de seus três lindos filhos, e não se arrepende por isso. Sonhadora, cheia de lindas histórias pra contar. Na escrita, possui um romance escrito em parceria com a escritora Ione Morais, na plataforma Wattpad. Vide, "No Mesmo Ventre", e um conto, na revista virtual Fluxos - Blog A Liter Ação.**



**N**o Estúdio Musical Stone, João Ribas discute com o empresário:  
— Não vou fazer show nenhum neste final de ano. Castro pode cancelar, estou saindo. Até ano que vem. O rapaz nem responde.

Sai entra no carro e dirige por horas pela estrada, entra numa cidadezinha e chegando à uma casa graciosa, entra e tranca seu carro na garagem, pega a chave debaixo do tapete e adentra pela casa, observa tudo, os papéis em cima da mesa...lê todos eles.

Do outro lado da rua no orfanato, as luzes apagadas, pensa em sua amiga Ives. Toma um banho e se deita no quarto do avô.

Acorde Clara, acorde, acho que tem um ladrão na casa do vovô Ribas. Vamos lá junte a patrulha.

—Joana você podia deixar para amanhã cedo...

—Não, não lembra que prometemos cuidar da casa, vão roubar tudo.

João num sono profundo, acorda assustado sentindo as pancadas de vassouras pelo corpo.

— O que está acontecendo aqui? Você veio roubar a casa do vovô, diz Joana.

— Não, não, eu sou... — Pensa um pouco e diz: — Sou Henrique, o novo cozinheiro.

— Por que você veio para a casa dos Ribas?

— Estava escuro eu não quis incomodar e acordar o orfanato inteiro.

— Então se prepare temos muitas coisas para organizar para o Natal, o festival das rosquinhas e o bolo de JESUS.

João, agora, Henrique, pega a correspondência em cima da mesa.

— Estarei amanhã cedo na cozinha do orfanato, podem sair meninas!

Henrique se levanta toma um banho, vestes surradas encontradas no armário, ainda cheirando a lavanda.

— Como nos velhos tempos! — A cozinha tem o mesmo cheiro.

— Acho que nunca sai daqui.

De repente entra a diretora, a supervisora e a professora Ives.

— Então você veio para nos ajudar?

— Sim senhora, responde o rapaz olhando para a linda moça à sua frente e pensa. — Estes olhos arregalados repuxando os lábios, ela sabe quem eu sou.

— O que você acha, Ives?

— Eu não sei... Já que chegou até aqui, vai ficar não é Sr. Henrique? É esse mesmo o seu nome?

— Sim, e já fiz vários quitutes para o café, e farei um almoço especial já vi o cardápio. Hoje as crianças entram em férias.

As meninas entram pela cozinha e se sentam, e ficam admiradas com a beleza da mesa posta.

O orfanato se transforma. As meninas ajudam em tudo, o tempo passa tão rápido que nem sentem o tempo passar.

— Você já reparou, professora Ives, como o Henrique é bonito?

— Para com essas bobagens Joana. Pensa que é temporário, assim que Estevão melhorar ele vai embora, nosso cozinheiro é muito bom.

Henrique ensaia a cantata com as meninas e participa também e, na semana de Natal todos enfeitam a cidade, na praça, tudo é feito para os corais.

As barracas são preparadas e a cozinha do orfanato vira uma festa. Todos enrolam biscoitos, bolos e rosquinhas.

— Agora só falta o bolinho de chuva do vovô Ribas. Onde está a receita professora Ives? Pergunta Joana.

— Bem meninas como é segredo eu vou fazer a massa junto com a profa. Ives posso?

— Claro, não tem problema. — E, assim, durante a noite, os dois trabalharam juntos e felizes.

Henrique faz questão de brincar o tempo todo com Ives. Juntos, não percebem o amanhecer.

Henrique num desses momentos, faz o que mais queria durante essas semanas, abraça Ives e a beija com paixão.

De manhã, as meninas acordam e embalam todas os biscoitos em saquinhos cheios, comem e se fartam.

— Parem com essa comilança meninas, temos que distribuir durante a cantata e passar nas casas do arraial.

— Mas tá tudo tão bom que não consigo parar de comer.

Na noite do dia 24 de dezembro, todas arrumadas, sobem ao palco a cantata mais linda! O público chora e aplaude.

Na plateia vovô Ribas aplaude vendo o seu neto cantar músicas do seu tempo de criança, os bolinhos são distribuídos para todos.

O espírito de amor e alegria contagia a todos, muitos que não se falavam, pedem perdão, abraços são dados, enfim um milagre de Natal.

Na plateia, Ives, as freiras e vovô Ribas se abraçam.

— Ele, agora, voltou filha. Estava perdido e se encontrou.

O avô segura firme nos braços de Ives.

— Eu vou ficar aqui Ives e, quero me casar com você.

As crianças festejam muitas alegrias.

Pela internet é transmitida a festa da cidade e no Ano Novo, um novo João Ribas está no palco de um grande programa de televisão, apresentando a cantata juntamente com a banda de lindas meninas que contagia todo o país.

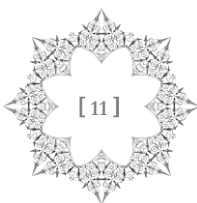
O apresentador pergunta a João Ribas o que fez ele mudar.

Ele olha para Ives na plateia junto ao seu avô.

— Aprendi a compartilhar, a confiar e amar sem pedir nada em troca, apenas agradecer, pois tudo vem por Ele.

—Ele quem João?

— O óbvio... JESUS CRISTO!





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**CANTATA DE NATAL PELO MUNDO**

**Por André Luiz Martins de Almeida**

**Sobre o autor: André Luiz Martins de Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, mora em Queimados desde a infância, morou em Nova Iguaçu e no Estado do Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional. Atualmente está na Reserva da MB, e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro livro completo "Antologia Poética -Aspirações de um Discípulo", pela Drago Editorial (2019).**

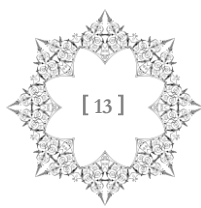
Então, como será pelo mundo o Natal e as festividades?  
Aguardam ansiosos pessoas de todas as idades,  
Para relaxarem destes momentos difíceis, em todas as nacionalidades!

Atualmente, é uma incógnita tal feito,  
Para realizar uma cantata de Natal pelo mundo, deste jeito.  
Aguardamos o passar dos dias, com o coração acelerado no peito.

Poderemos realizar uma cantata de Natal pelo mundo?  
Conseguiremos espalhar seu sentido verdadeiro bem a fundo?  
Ou prevalecerá outros temas, que transbordam e me inundo?

São tantas perguntas, mas tenham esperança, oh povos, tribos e nações!  
O Natal é este símbolo único, não façam outras opções!  
Haveremos de ter cantata de Natal pelo mundo, não decepções!


Iremos louvar e cantar em amor ao aniversariante!  
Festeje e comemore, mas se preserve e proteja-se da variante!  
As músicas da cantata de Natal deixarão o mundo radiante!





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**O NATAL COM AS CIGARRAS**  
Por Denise Peres Martins Rezende

**Sobre a autora: Advogada, Licenciada em Letras (Português-Inglês), Escritora e Estudante de Pedagogia. Amante das Letras. Operadora das leis. Exploradora das línguas. Investigadora de arcaísmos/ preciosismos. Amante do imagético. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinada pelos processos mentais da aprendizagem humana. Possuidora de uma inabalável ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de aprendizagem e a memória espiritual. Afeita aos escritos desde a adolescência. Almeja a melhora na Educação formal nacional.**  
**Instagram: @educacaocomdeniseperesmartins**  
**Linkedin: <https://br.linkedin.com/in/deniseperesmartins>**



Ah... quanta alegria me trazem as cigarras,  
Quando elas cantam, eu já sei que o verão começara.

Brisa noroeste balançando as palmeiras da praia.  
Perfume da maresia e os barcos passando perto da catraia.

Quando elas aparecem, sei que a cidade se ilumina.  
Estação do sol que chegou e a alegria que inebria.

Caminhadas nas ruas se tornam uma delícia.  
Decoração, luzes e um exército de cantoria.

Final de tarde seu som ritmado começa,  
Eu saio pela rua saltitando feliz à beça.

Posso ir com sorriso no rosto,  
E um vazio nos bolsos.

O abstrato me completa,  
Minha época predileta.

Sua canção é natalina.  
Memória imagética dos Natais em família.

Passear nas galerias com mamãe para as compras natalinas.  
E no trajeto ter a companhia do canto das pequeninas.

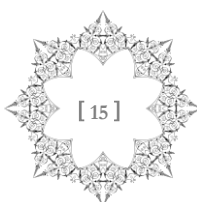
Cozinhar biscoitos com os sobrinhos e ensinar sobre o universo da magia.  
Cheiro de bolo e assados e a paz que irradia.

Ler contos natalinos sobre as cigarras amigas,  
Abrir morada para novas memórias afetivas.

Elas passam o ano inteiro bem quietinhas.  
Mas, é só o tempo esquentar que ficam saidinhas.

Os machos galantes cantarolam para se exhibir,  
E aguardam uma fêmea por eles se atrair.

Sua vida é curta, ritmada e festiva,  
São elas as cigarras natalinas.





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**RIMAS PARA O NATAL**  
Por Lilian Ferraz

**Sobre a autora: Lilian Ferraz, nascida e residente em São Paulo, funcionária pública, mãe de um filho adolescente e que tem por gosto leituras de diversos estilos. Começou a escrever, tardiamente, tendo um gosto maior pela poesia e prosa. Tem sua página no Recanto das Letras, com o nome de Lilian Vargas, além do site Casa dos Poetas e da poesia (CPP), e alguns poemas publicados no site: Meu lado poético; já participou de algumas Antologias de sites diversos. Mantém ativo um Blog pessoal de poesias e textos diversos ([palavrasnotasevivencias.blogspot.com](http://palavrasnotasevivencias.blogspot.com)).**



Para compor um poema de Natal

que fosse um tanto original.  
Saí em busca de rimas para inovar;  
ali mesmo no pequeno jardim,  
perguntei para uma solitária flor  
e para um serelepe beija- flor.  
Vendo que nada conseguia  
Deixe-os ali no cortejo, e parti.

Determinada andei pelas ruas,  
da tal palavra fui à procura.  
Ao meio dia, perguntei ao sol,  
que intensamente, brilhou!  
e no anoitecer, indaguei à lua  
que minha aura iluminou!  
Mesmo com ajuda dos astros  
a palavra a mim não chegou.

Apelei às águas das chuvas  
e também ao inusitado vento.  
Esquadrinhei pensamentos  
atrás da palavra que se ajusta.  
Ainda sem a esperada rima  
subi no alto, de uma colina;  
de lá, olhei o céu azulado,  
que ao longe se estendia.  
Vã tentativa de encontrar ali  
a palavra que eu queria.

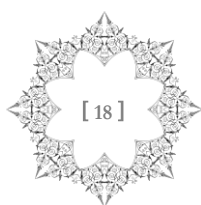
Neste silenciar, sem respostas,  
desci pela verdejante encosta.  
Um homem seguia este caminho  
assim, resolvi indagar tal sujeito.  
Olhando o céu, com respeito  
Fez o sinal da cruz e no silêncio  
apontou o todo, e deu um sorriso.

Sem resultados e desanimada  
sentei-me na beira da estrada.  
Foi então que um clarão se fez!  
Uma luz branca se movia

e a figura de um ser alado  
com voz suave, trouxe-me este recado:

O nascimento de Jesus  
é um momento marcante  
para toda família cristã  
Sentimentos positivos  
são nesta época exaltados  
amor, devoção e altruísmo,  
são estes os desígnios

Façamos desse momento  
algo perene e contínuo  
para que o símbolo de Natal  
não seja desmerecido,  
e o seu significado espiritual  
seja sempre manifestado  
em detrimento do material.  
Eis o propósito digno e real  
que devemos manter conosco  
Pois a natividade é sim, especial  
tendo um valor divino e Universal.





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**UM QUASE CONTO DE NATAL**  
Por Mirian Menezes de Oliveira

**Sobre a autora: Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras, da A.C.I.M.A – Itália, além de membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais. Participou de Seminários e Congressos de Leitura e Literatura, com publicações de artigos.**

**P**or força do hábito, Laura posicionou pratos e talheres na toalha branca, observando a estética dos objetos reluzentes e a perfeita posição das taças. Na mesa pouco extensa, velas ocupavam quase todo o espaço e brilhavam como estrelas em noite escura, iluminando os quatro lugares ainda vazios: ansiosos por vida, sussurros e vozes...

Enquanto ajeitava a prataria, olhava, com insistência, o relógio da parede... Mal enxergava os ponteiros, porém tinha quase certeza de que faltava uma hora para a meia noite. O Natal chegava a passos lentos... Saberá, quando os ponteiros se alinharem e soassem as doze badaladas.

"Por que não acendo esta luz?"

Laura entregava-se ao pensamento inquieto. Não desejava a luz artificial! Tal qual "a pequena vendedora de fósforos", do antigo conto, riscava cada fósforo, com muito cuidado; contemplava os focos de luz e esticava a modesta chama até as velas (protagonistas do cenário).

Sozinha, contemplava: a toalha branca, a prata reluzente e as taças ainda vazias...

Puxava à memória muitas cenas, enquanto esperava pelos convidados:

"Nada tenho da pequena vendedora de fósforos! É só olhar para tudo isso: casa, mesa arrumada, comida gostosa e vinho bom! Por que me comparo à menina?"

Enquanto pensava, riscava fósforos e acendia velas, numa recusa teimosa de iluminar, **TOTALMENTE**, a casa... Pelo menos, naquele momento, não! Precisava enxergar a outra LUZ!

Laura e suas velas...

Aguardava um telefonema, um toque na campainha, qualquer coisa que a tirasse daqueles gestos mecânicos e planejados... O Natal não era uma festa triste! O "sentimento-base" dependeria dela e de como iria encarar o tão sonhado momento da ceia.

"Por que os contos de natal nos fazem chorar? Acho que prefiro um quase conto de natal!"

Pensava, sem parar, no sentido dessa data e, também, nas barulhentas Festas de Fim de Ano e, antes que aquele momento de profunda imersão se desfizesse com a chegada dos convidados, aproveitou para se deleitar com toda aquela intimidade!

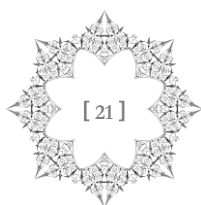
Sim! Era muito bom estar consigo mesma! Aquilo nada tinha de solidão! E, se não estava preocupada com a luminosidade dos cômodos, é porque considerou que, muitas vezes, é preciso escurecer-se, para poder clarear-se... É preciso esvaziar-se, para, novamente, encher-se...

Quando os ponteiros se alinhassem, a mesa estaria composta por pessoas queridas... Não seria um banquete, nem uma festa de "arromba". Laura teria consigo os que lhe eram "caros"...

Dessa forma, riscou o último fósforo e, naqueles poucos, mas aconchegantes minutos de convivência interior, agradeceu a Deus por tudo o que possuía! Tal como a "menina dos fósforos", também se alimentou de lembranças e visões de entes queridos que já habitavam outra dimensão... Recordou-se de um "passado", mas não somente!

Enfim, olhou para o relógio, sentindo-se pronta!

"Quando os ponteiros se alinharem, todos os cômodos da casa estarão iluminados e eis que teremos o Natal!"





**APRESENTAMOS O POEMA**  
**ENCANTOS**

**Por Pedro José Rigatto**

**Sobre o autor: Poeta desde os anos 70, nunca publicou, sempre guardou suas poesias, depois de solicitação de amigos, achou por bem divulgar seus escritos.**

**Adora poemas pois sintetiza sentimentos em palavras.**

**Instagram: @pedrorigatto\_poeta**



Momentos de emoção.

Família, reencontro.

Comemoração.

Uma vez mais, em união.

Comemorar a ação.

Brindar em reunião.

Festivo coração.

Mais um natal.

Com a família em união.

Encantos.

Encontros.

Expectativa.

Emoção.

Empolgação.

Dia chega.

Reunião.

Brindemos ocasião.

De juntos passarmos,

Data festiva.

Mais um natal juntos.

Alegria no coração.





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**PELO DIREITO DE SOBREVIVER**

**Por Roberto Schima**

**Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de mais de cem antologias. Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br)**



Outono.

Novembro.

Extremo Norte.

Um futuro distante.

Outro Natal chegava.

**N**a calota polar, em meio a vastidão gelada do Polo Norte, o vento rugia e a nevasca açoitava a cabana de aparência frágil. Era o único sinal de vida em milhares de quilômetros quadrados. Uma luzinha solitária na longa noite boreal. Uma paródia da primeira estrela a cintilar no Universo.

Em seu interior, aconchegado sob a luz e o calor da lareira, pés rechonchudos acomodados em grossas meias de lã, Papai Noel recebeu — não sem uma boa dose de surpresa — o primeiro pedido de presente. Surpresa porque, em geral, as cartinhas começavam a vir em dezembro. E ainda estava em meados de novembro. Outro motivo de espanto foi o estranho material no qual a mensagem fora escrita: uma delicada lâmina de gelo. Felizmente, teve tempo de ler e memorizá-la antes que derretesse em chuva entre os dedos gorduchos. E o mais assombroso de tudo, porém, foi justamente o seu conteúdo.

— Macacos me mordam! — murmurou, coçando a barba.

Seu rosto, habitualmente alegre, tornou-se sério, sombrio. As rugas na testa e nos cantos dos olhos ficaram proeminentes. Caminhou de um lado a outro no piso de madeira, cujas tábuas rangeram a cada passo em familiar resmungo.

Um pedaço de lenha caiu, fagulhas subiram e brasas crepitaram em resposta.

No topo da chaminé, as fagulhas sonharam em fazer parte do céu.

A nevasca cruel cuidou de trazê-las à dura realidade.

Papai Noel balançou a cabeça, meio desolado.

— Cedo ou tarde, tinha que acontecer...

Sentindo o fardo pesar em seus ombros mais do que qualquer saco abarrotado de presentes, o velho calçou as botas, meteu o gorro sobre a vasta cabeleira branca e abriu a porta da cabana. Recebeu no rosto todo o impacto do tempestuoso clima glacial. Os ventos urraram a toda voz sobre o tempo dos mamutes, dos rinocerontes lanudos e dos ursos das cavernas. A custo, fechou a porta, respiração condensando-se sob a luz da cabana e rapidamente dispersada. Caminhou com dificuldade até o estábulo adjacente a sua morada, tanto devido à neve que alcançava os joelhos quanto à borrasca, à enorme barriga e às pernas curtas. Relanceou o olhar para o local onde, certa feita, tivera uma visão maravilhosa. Apalpou um dos bolsos do casaco: sim, seu querido cachimbo lá se encontrava como prova de que não fora um sonho ou uma miragem. Suspirou.

— O encanto do Natal... Será que algum dia o mundo foi mais simples?

\*\*\*

Entrou no estábulo feito um ruidoso fantasma fofo envolto por redemoinhos esbranquiçados. O odor penetrante da neve inundou o lugar. O vendaval não dava

tréguas e exigiu toda a sua força para fechar a grande porta de carvalho. Quando terminou, ofegava feito peixe fora d'água. A seguir, espantou a neve de suas vestes e olhou a sua volta.

A princípio, suas fiéis ajudantes, as renas, se assustaram com a visita inesperada. Depois, sob a luz amarelada das lâmpadas, focaram seus olhos grandes e amistosos sobre o velho. Chamavam-se: Alice, Ângela, Anita, Catarina, Clarice, Cristina, Juliana, Marion, Sandra e Sonia. Faltavam semanas para o Natal, por isso, permaneceram em seus lugares, cada qual em sua baia, a mastigar porções generosas de feno. Não eram todas que puxavam o trenó de uma vez. A cada Natal, algumas delas permaneciam no Polo Norte, descansando para revezar no próximo. Contudo, todas tinham ciência do quão estafante o serviço vinha se tornando ano após ano.

Fôlego recuperado, Papai Noel falou:

— Oi, crianças, desculpa a amolação.

— Oi, Papai Noel!!! — responderam em coro.

— Gostaria de conversar com vocês. Poderiam vir até aqui?

"Aqui" era um espaço maior e comum no estábulo.

O velho sentou-se num caixote.

As tábuas rangeram em protesto.

Neve "choveu" da farta cabeleira.

Uma a uma, as renas o rodearam, ainda a ruminar.

— O que houve, patrão? — indagou Clarice, de boca cheia.

Sempre fora a rena mais perspicaz e percebia de longe quando algo não ia bem.

Papai Noel suspirou, alisou a barba e soltou um pigarro para limpar a garganta.

— Como sabem, mais um final de ano se aproxima e, com ele, os pedidos de presentes de todas as crianças do mundo.

As renas anuíram com seus focinhos.

— De outros mundos também — acrescentou Juliana, ciente das colônias na Lua, em Marte e outros planetas e satélites.

— Verdade, mas destes não precisamos mais nos preocupar.

— Ainda bem — murmurou Sonia —, meus cascos não aguentavam mais.

As outras anuíram, pensando nos espíritos da neve.

Pois ficara escrito que, desde a noite encantada na qual o Senhor surgira para o Papai Noel, este fora liberto de levar os presentes para outros mundos além da Terra, situação que se agravara na mesma proporção em que a humanidade se expandira espaço afora. Outros Papais Noéis vinham cuidando disso.

Papai Noel prosseguiu:

— Pois bem, acabo de receber a primeira cartinha. Isso nunca tinha ocorrido e, suspeito, não será a única desse tipo.

— Já estão escrevendo? — falou Alice.

— Um apressadinho — emendou Catarina. — Gente demais no mundo!

— Algum presente mirabolante, senhor? — atreveu-se a perguntar outra rena, em geral calada. — Um robô atômico?

— Antes fosse, Sandra — falou Papai Noel, reconhecendo o raro tom de voz. — É por isso que venho compartilhar com vocês. Indagar se sabem de algo, se escutaram algum comentário...

Cristina, ávida pela atenção do velho, queria saber o motivo de tudo aquilo, porém, a exemplo das demais, educadamente aguardou.

Então, Papai Noel disse:

— Pois bem, meninas, a primeira cartinha que recebi foi enviada por uma criança. Até aí, nada demais além do adiantado da correspondência. Mas, ao contrário do esperado, não foi escrita por uma criança humana...

\*\*\*

— Hein? — tornou a se manifestar Clarice. — Como assim, patrão?

— Alienígena! — gritou Cristina sem aguentar.

As outras riram da euforia da companheira.

A rena corou. Se queria atenção...

— Não, pequena Cris. Quem me enviou um pedido foi um certo Nanuk.

— Nanuk?

— Sim, um filhote de urso polar.

Vários "Oh!" foram ouvidos.

Nunca animal algum escrevera ao Papai Noel.

O velho continuou:

— Ele mora no Canadá. Sua mensagem foi a seguinte:

*Prezado Papai Noel.*

*É a primeira vez que escrevo ao senhor. Eu me chamo Nanuk. Vivo com minha mãe, Aputi, numa região que os humanos batizaram de MBlannco. Sou um ursinho polar.*

*Ano após ano, o gelo e a neve têm sido cada vez menos frequentes.*

*As belugas falam ser isso culpa dos homens, como culpados eles são de tantas ruindades.*

*Sem gelo, mamãe tem dificuldade em caçar focas para nos manter alimentados. Evito chorar de fome perto dela, porém, maior que a dor no estômago é a tristeza por vê-la tão magra. Perdemos meu irmão, Nuka, pouco tempo atrás. Era mais fraco e mais novo do que eu. Foi a vez dela tentar esconder o pranto de mim, mas sem sucesso. Chorei mais ainda.*

*Sei de muitos outros animais, de outras espécies, que passam dificuldades parecidas, as focas, inclusive. Nós as abatemos para comer, porém, os homens assassinam as crianças delas a pauladas para arrancar-lhes a pele. Outros estão sendo caçados por esporte, escravizados, envenenados, enjaulados, mortos por inanição.*

*Sou criança. Não deveria saber dessas coisas.*

*Papai Noel, não faço o pedido apenas por mim ou pela minha mãe, Aputi. Não peço mais gelo, mais carne de foca ou que nos devolva Nuka do mundo escuro.*

*Peço-lhe o direito de sobreviver.*

*Desculpe o transtorno, mas, diante da fraqueza de minha mãe e seus olhos sem esperança, não tive outra escolha.*

*Com carinho,*

*Nanuk*

Ao terminar de recitar a cartinha que havia decorado, Papai Noel fungou.

Algumas renas também o fizeram, penalizadas pelo urso polar, embora temessem a espécie.

O silêncio pesou por alguns segundos.

Refeito, Papai Noel perguntou:

— Então, crianças, vocês ouviram alguma coisa sobre isso? Sobre os animais?

As renas ficaram em silêncio por quase um minuto inteiro, remoendo seus pensamentos herbívoros.

— Aqui no Polo Norte raramente temos visita — disse Marion. — Porém, quando de nossas saídas para entregar os presentes, percebemos tristeza abundante entre os animais com os quais nos deparamos. Insetos, peixes, anfíbios, répteis, aves, mamíferos, todos queixavam-se de modo semelhante ao ursinho. Falavam de suas dificuldades em obter alimento, moradia e paz... E sobre o temor aos homens.

E cada uma das renas contou sobre os dissabores das mais diferentes criaturas do planeta.

A tudo Papai Noel ouviu pacientemente. Todavia, a angústia cresceu em seu coração na mesma medida do remorso. Sim, remorso. Ele já havia percebido mais do que o bastante, porém, atrelado a sua missão de levar a felicidade aos homens e, quem sabe, fazê-los compreender a profundidade maior na mensagem do Natal, relegara a sua insidiosa voz interior a um segundo plano. Mas, afinal de contas, seria ela tão pérfida assim? Na raiz do mal não haveria uma fração de verdade assim como o cerne do bem não ocultaria uma porção de hipocrisia?

Teve dificuldade em se erguer do caixote. Seu fardo ficou distante de tornar-se leve.

— Obrigado, meninas, obrigado.

Saiu do estábulo, novamente transformado em espírito rechonchudo cercado de redemoinhos.

O cheiro da neve tornou a invadir os focinhos.

O vendaval uivou.

Diante da voz amargurada do velho, nenhuma das renas teve coragem de gritar "Feliz Natal!", conforme acostumaram-se a fazer.

O restante do feno permaneceu intacto na baias.

Pelo menos, independentemente de qualquer coisa, ainda em novembro, uma morsa faleceu de velhice e seu corpo foi dar à praia, próximo a Nanuk e sua eufórica mãe, Aputi.

\*\*\*

No tempo que se seguiu durante a longa noite polar, conforme suspeitara Papai Noel, outras cartas chegaram, escritas por diferentes filhotes de animais. Fizeram uso dos mais diversos materiais: cascas de ovos, folhas secas, conchas marinhas, argila, cascas de árvores, talos de grama, seixos.

Golfinhos denunciavam matanças de sua espécie. Sapos queixavam-se da poluição nos lagos. Rinocerontes choravam a morte dos pais por causa dos chifres, assim como os pequenos elefantes em relação ao marfim. Abelhas mencionavam o uso de pesticidas e o desaparecimento das flores. Alguns contavam sobre atrocidades cometidas a animais ainda vivos, rotuladas de cultura gastronômica. Outros falavam de queimadas criminosas, da poluição dos mares, dos resíduos industriais atirados nos rios, do ar cada vez mais irrespirável, do plástico sufocando os mares, do agravamento da seca, de chuvas ácidas. A listagem era infundável.

De todas as mensagens, o pedido de presente era apenas um: o direito de sobreviver.

Coincidência ou não, em dezembro, as cartinhas dos bichos deixaram de chegar exatamente no momento em que as das crianças humanas começaram a surgir.

Papai Noel passou inúmeras horas a caminhar do lado de fora da cabana, a mercê do clima impiedoso. As rajadas de vento e neve em seu rosto chegavam quase a ser um alívio diante do calor que o consumia.

Sentou-se num bloco de gelo, acendeu o cachimbo de estimação e pôs-se a fitar as estrelas.

— Olá, vocês...

Não importava o que fosse acontecer, elas permaneceriam lá no alto, gélidas e brilhantes, em um Universo em contínua transformação. Indiferentes aos nascimentos e mortes, alegrias e tristezas, triunfos e derrotas, bondade e crueldade, alívio e sofrimento. Na grande aventura da existência, cedo ou tarde, todas as histórias de todos os seres vivos seriam diluídas no deserto do esquecimento. Era como se importância nenhuma tivessem tido. E as constelações ainda cintilariam: persistentes, inconsequentes e frias.

Expeliu uma baforada que rapidamente se dispersou.

— Mas cada história, por mais efêmera que seja, é importante — falou.

Tocou o cachimbo com reverência, esperando que outra voz — a Voz — viesse em seu auxílio.

Entretanto, o evento não se repetiu. Apenas o uivar perene do vento respondeu em seus ouvidos.

— Não posso modificar o jeito de ser da humanidade — disse para as geleiras e banquisas. — Nem fazê-los enxergar. Ou dar-lhes consciência de seus malefícios e implicações. Não posso interferir no livre arbítrio. Acreditei na semente da bondade humana. As crianças são puras, entrementes, crescem e terminam corrompidas. Quando resistem, são gotas de orvalho diante de um oceano de sarjeta. Ademais, a maioria dos homens — mista de hipocrisia, estupidez, ignorância, cobiça e interesses imediatos — já sabe de tudo isso. Eles têm consciência, mas, deliberadamente, atolam-na no lodaçal.

No final, após muito refletir e mirar o firmamento, mostrou-se inclinado a atender o pedido dos animais. Não deixaria de modo algum de dar os presentes pedidos pelas crianças humanas. Sim, ainda eram puras, ao menos as menores. Porém, tampouco poderia fazer-se cego e surdo ao clamor da crianças das demais espécies.

Como presente de Natal, daria a todos os bilhões de filhotes de animais da Terra aquilo que mais desejavam e que, em verdade, deveria ser uma dádiva de todos: o direito à sobrevivência.

Mas, para isso acontecer...

— A humanidade precisa se tornar estéril — declarou numa voz sem emoção.

O vento rugiu, a neve rodopiou e, por um instante solene, as estrelas se apagaram.

Papai Noel ergueu-se do bloco de gelo e deu as costas à escuridão. Retornou devagar para a cabana de madeira e o calor da antiga lareira.

Não havia vitória ou derrota em seu semblante.

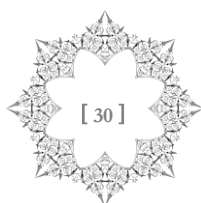
Não havia alegria ou tristeza em sua firme decisão.

Somente uma alma pura cujas mãos seriam maculadas.

O Natal chegou.

Pela primeira vez, os guizos não tilintaram no trenó. As renas fizeram seu trabalho em silêncio e não com a costumeira gabolice. Sob cada pinheiro enfeitado, Papai Noel não deixou junto ao presente o usual bilhete no qual costumava escrever: "Ho! Ho! Ho! Adivinha de quem é?"

Afinal, jamais se sentiu confortável diante da hipocrisia.





**APRESENTAMOS O POEMA**

# **UM DIA ESPECIAL**

**Por Wanda Rop**

**Sobre a autora: Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, ama ler e escrever poemas, Pós Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. e Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Atualmente Acadêmica Curso Superior de Filosofia, com colação de grau prevista para Jan 2022. Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" (Ed Sunny/Ed Uiclap).**



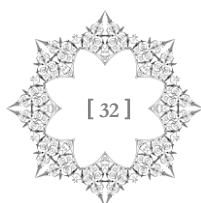
Linda noite de Natal!  
O encontro tão esperado  
Dia que emociona os corações  
E a família se une em abraços

Desperta o melhor que há em nós  
Luzes, afetos, presépios e abraços  
Celebrando a beleza da vida  
Nossos corações ficam encantados

Dia também de recordação e saudade  
De todos aqueles que amamos  
Se existe algo maravilhoso  
É o amor que celebramos!

Não como negar o espírito natalino  
Que se espalha pela cidade  
Enquanto as estrelas reluzem no céu  
Temos vários presentes embaixo da árvore

Não devemos esquecer  
Que apesar de ser tradição  
O que importa não é o presente  
Mas o amor que temos no coração







# APRESENTAMOS O CONTO GRATIDÃO LOGÍSTICA

Por Willian F. Eugênio

**Sobre o autor: William F. Eugênio é estudante de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Interessa-se pelos assuntos de culturas alternativas, biologia, cinema, matérias da graduação, psicologia, quadrinhos, rodovias e seriados. Observa o real mundo contemporâneo. Percebe a realidade e tecnologia intrinsecamente interligados. Interessa-se por viagens, basquete e faz sua parte na sociedade, sendo doador de sangue. Escreveu o conto para potencializar algumas ideias, e no fundo do coração, espera que tenham sido transmitidas de forma direta e eficaz.**

23 de dezembro. Ano 2035. Domingo. Região metropolitana, SP.

**P**erímetro Urbano. Raposo Tavares, SP-270. A rodovia, rasga diversas cidades. Ponta a ponta. Ao entorno da via expressa, bairros que tracejam aspectos periféricos. O sol some no horizonte. Partículas no ar. Poluição atmosférica. Tal iluminação, reluzem telhas. Casas populares. Dezenas de carros, motos, caminhões em alta velocidade na via expressa. Tracejando diversas rajadas de vento, intermitentes, porém intercaladas. Ao entorno, funcionários da região, terminam o segundo turno. Do aglomerado de condomínios logísticos. Às margens da rodovia. Pessoas, seguem um caminho composto por grama plantada. E uma calçada rústica. Sempre bem cuidada pelo posto de gasolina ao lado. Logo à frente, um ponto de ônibus. Composto de concreto. Em sua superfície, algumas pichações. Propagandas antigas. Ao redor, pedaços de tijolos para sentar. Embalagens usadas. Bitucas de cigarros, antigas desfazendo. Deslocam-se com o passar da movimentação rotineira. Tais pessoas, recém saídas do trabalho, em sua grande maioria atravessam o elevador composto pela passarela. Para outro lado da pista. Diversos aguardam. Para embarcarem em linhas de ônibus intermunicipais. E que como sempre, demoram.

Bia, localiza-se no teto deste ponto de ônibus. Passa horas vendo pôr do sol. Deitada neste local. Ruídos constantes. Atmosfera urbana. Nuvens atravessam o céu. Pássaros saindo das árvores. Percebe a vida das pessoas. Escuta conversas aos pares de transeuntes. Papo nos smartphones. Gosta de ficar parada por ali. O tempo passa mais rápido. Seus treze anos, traziam história de vida. Corpo magro. Franzino. Em sua casa, improvisada, pouco trazia. Poucas peças de roupa. Filha única, de um amor perdido de “*boteco*”. Seu pai, morrerá a alguns dias. Implacável Covid-35. Enterrado em valetas. Em sua lápide, um número. Bia nascera no bairro. Em uma galpão desativado de empilhadeiras. Maternidade improvisada. Aspectos de uma política governamental, quase inútil. Resta-lhe o colégio. Seu porto seguro. Um cisco no olho. Quer retirá-lo. Muda de posição. Movimenta-se no teto do ponto. Tira o empecilho. Pega a única caneta, que caíra do seu bolso. Senta-se. Pernas sustentadas pelo ar. Abre a mochila. Pega uma, de cinco mexericas. Descasca. Mastiga. Engole. Observa. Suspira. Bia, aguarda a mãe. Horário de retorno. Anoitece gradualmente. Oito horas da noite.

Luzes de Natal. Perceptíveis aos olhos. Via expressa. Diminuíra o tráfego. Pais de família, desembarcam de ônibus fretados. Mas hoje é um dia diferente. Diversos sorrisos. Ainda com uniforme às vezes. Carregavam seu maior trunfo. Recheadas cestas de Natal. Um “*mimo*” adequado pelo seu desempenho? Ou o “*suor*” de cada dia, em um único pacote?

O celular antigo, de Bia com a tela quebrada “*vibra*”. Ela atende rapidamente:

“*Oi mãe!*” — exclama Bia, — enquanto arruma o cabelo. Feito o “*rabo de cavalo*”. Sua mãe responde: — Filha, pode vir embora! Consegui “*carona*”! Hoje deu certo!

Bia, responde positivamente. Desce do ponto de ônibus. Articula-se pelos galhos de uma frondosa árvore. Após a descida, confirma se não esqueceu nada. Milésimo de segundo. Ela observa cenas. Como se fosse um filme. Em câmera lenta. Inicialmente pelo som. Um estrondo. Em altos decibéis. O veículo com a cor vermelha vinho. Perdendo controle de sua estabilidade. A segunda parte, advém da “SUV”, devido a sua alta velocidade, capotando em seu próprio eixo. Tal ação, fizera peças externas deste carro voarem. Vidros estilhaçam-se. A sua trajetória final, foi ao encontro da pilastra. Que sustenta a passarela de pedestres. Fez com que todo elevado desabasse de forma gradual, porém cataclísmica. A garota não pensa duas vezes. Insere a velha mochila nas costas. Corre para o local. Apenas uma pessoa no veículo. Recuperando-se da forte batida. Bia, puxa com força a porta amassada. Estoura o “*air-bag*”. Com a ponta da caneta, em seu bolso. Veículo de ponta cabeça. Escorriam fios de fluídos e de gasolina. Advindos do tanque de combustível. Algumas pessoas, que trafegavam neste momento, gravavam a cena pelos smartphones. Fumaça branca. Ao redor do aço retorcido aumenta gradativamente. A cada segundo, o risco de vida de ambos aumenta. Bia, abre o cinto de segurança. Ação da gravidade. O senhor desacordado bate a cabeça. E desperta no susto. No teto do veículo. Arranha-se com partículas de vidros. A garota puxa-o de dentro ainda tonto. Recuperando-se do impacto da batida. Ele desloca-se devagar. Bia empurra o senhor de meia idade. Precisam sair logo deste local. Fêz-lo sentar. Em um tijolo do ponto de ônibus. Bia foi ao posto de conveniência. Buscar um copo de água. O recém salvo, pega seu smartphone. Faz duas ligações. Inicialmente ao 193. Bombeiros. A segunda ligação, para uma equipe de apoio vir buscá-lo. O carro retorcido, consome-se pelas chamas. Bia retorna com a água. Em goles rápidos, o senhor de meia idade olha ao redor e exclama:

— Muito obrigado menina! Qual seu nome? “*Me salvou da morte!*”

A garota responde: — Oi! Sou a Bia! Senhor “*tá bem?*” —, tenta cumprimentá-lo. Enquanto ocorria tal ação, a mãe da garota, chega ao local.

Grita com ela:

— Bia! Você é “*doida*”, menina? “*Eu disse para voltar para a casa!*”

O senhor de meia-idade, levanta-se e interfere. Pega um cartão do paletó importado.

— Prazer! Sou o Ricardo! Você deve ser a mãe da menina! “*Agradeço de coração!*”

—, sequencialmente —, sou o coordenador da América Latina do Centro Logístico do lado. — Pode me pedir, qualquer “*coisa*”! — O que sua filha fez por “*mim*”, não tem preço!

Desconfiada, mas sem perder a chance: — Sou a Valéria! Qualquer “*coisa*” mesmo?

— Ah! Claro! “*Seguinte*”! — , Eu queria cestas de Natal! Roupas! Panetones para o “*bairro*” inteiro! — intercalando, — Comida pra dois anos! Roupa para minha filha! Para “*mim*” também! — e tem mais, — Ah! “*Fala Sério*”! , — “*Engravatado*” é tudo igual, — Tenho “*mais*” o que fazer, Ricardo! , — É um “*pior*” que o outro!

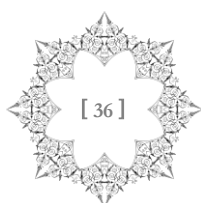
Ricardo, pega as duas mãos de Bia. Entrega-lhe o cartão. Exclama diretamente:

— “*Entendi*”! — Bia, mande uma mensagem “*whatsapp*” — Endereço completo!

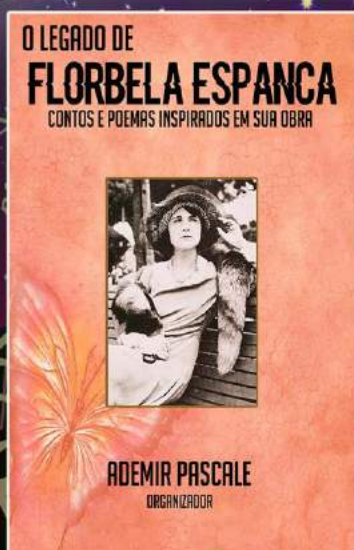
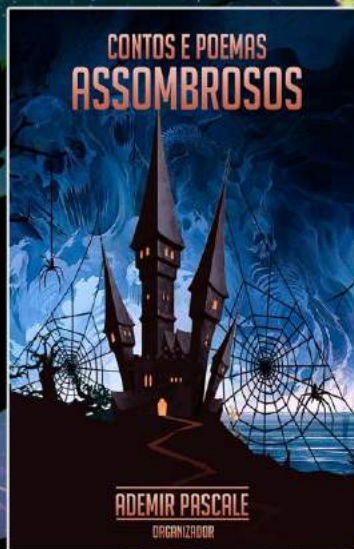
Viaturas da Polícia Militar. Sirenes. Chegam o local. Caminhões dos Bombeiros em seguida. Em poucos minutos, o fogo já havia sido controlado. Rápido procedimento. Ricardo coloca seu indicador na tela do “*tablet*” da Polícia Rodoviária. Aberto “B.O”. Um “*drone*” tripulável, descia naquele instante. As enormes hélices, levantam toda a poeira do local. Folhas secas. Partículas de plástico. Enormes lanternas “LED” do aparelho, também são destaque. Iluminou as proximidades. Não havia mais tempo. Despediu-se. Ricardo embarca. Um minuto apenas. Aeronave levanta voo. Assustam cachorros de rua. E olhares de curiosos. Valéria desacredita. Coça os olhos para olhar novamente. Bia fica boquiaberta. Valéria pega o cartão de Bia. Confere os dados. Ela mesma, envia a mensagem. Perde poucos minutos. Insere o endereço. Dados completos. Segundos depois, obteve resposta. Boa notícia. A mãe dá um beijo na testa da filha. Não quis comentar sobre o assunto. A dupla volta para a casa. Amanhece, 24 de dezembro. Folga de Valéria. Pela manhã recebe a confirmação. Envia mais informações a Ricardo. O Natal deve ser inesquecível. Se tudo der certo.

Dia 25 de dezembro de 2035. Enfim, Natal. Bia, acorda com o quarto “*recheado*”. Dezenas de aparelhos, ainda na embalagem com plástico e intocáveis. *Tablets. Notebooks. Smartphones.* Percebe também vestimentas. Calças. Blusas. Tênis. Inclusive um novo óculos de grau, que tanto precisava. E alguns vale-compras em uma loja popular da metrópole. Por sua vez, percebe sua mãe gritando. Mas de alegria. Três mil cestas básicas natalinas e cestas básicas normais. Quantidade que seria distribuída à comunidade ao redor. E mais que isso. Acabara de receber uma carta assinada. Escrita a mão pelo Ricardo. Suas palavras, explicam que infelizmente não irá comparecer. Está com a esposa e os filhos em Vitória – ES. Teria que resolver “*pendências*” logísticas no porto. E tentaria aproveitar a “*virada de ano*”.

Aos funcionários, tudo certo. Liberados após a encomenda entregue. Foram 4 horas para descarregar as cestas. O líder da comunidade avisa a região. Dezenas de famílias foram buscar duas unidades em um galpão. Uma fila enorme formou-se com distanciamento social. Valéria, orgulha-se de sua filha. Como jamais fizera antes. A força de vontade em acreditar, pode mudar situações. Tiraram fotos. Fizeram vídeos. Comemoraram com vizinhas, amigas e colegas. Um Natal brilhante. Acolhedor. Inerente. Potencializador. Surpreendente.



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS**

**VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)**

**CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)**

**SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)**

**E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)**

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**